

Este texto pretende responder à provocação lançada por Eric Landowski com seu *Petit manifeste sémiotique en l'honneur et à l'attention du camarade sociologue Pekka Sulkunen*, uma breve mas instigadora discussão sobre as fronteiras não demarcadas entre o fazer científico e o fazer político, seja pela inscrição do sujeito pesquisador na vida social, na medida em que se compromete com as demandas de seu tempo, mediante suas razões e afetos, seja porque acolhe um modo mais específico de fazer ciência. “*Entre la vie de chercheur et la vie tout court, pas de frontière étanche*”.

## 1. Uma prática semiótica

Landowski atribui a si e ao companheiro sociólogo uma identidade em trânsito, não demarcada de forma estanque, entre o ser sociólogo e o ser sociosemiótico, considerando as fricções que parecem embaralhá-los em práticas afins<sup>1</sup>. O texto, contudo, serve de pretexto para mais que uma homenagem ou o reconhecimento de uma amizade e uma partilha teórica. É principalmente uma discussão sobre um fazer teórico engajado, levando em conta o que é “praticar semiótica” e o que poderia ser enquanto *prática ecológica do sentido*: uma prática que, afastando-se do modelo ideológico que vai reduzir os sujeitos e objetos a respectivamente mercadores e mercadorias, “comprometer-se-ia”<sup>2</sup> com a promoção de “orientações sociais diferentes” :

Assim refundada e reorientada, a semiótica greimasiana, em vez de permanecer como a disciplina acadêmica em que se tornou ao encerrar-se em suas obsessões de “Escola” (dita de Paris), poderia não apenas reencontrar um lugar no concerto das ciências sociais mas também, além do círculo acadêmico, fazer-se ouvir no espaço público enquanto reflexão crítica, promotora de orientações sociais diferentes. (*Petit manifeste*, tradução nossa.)

Por afinidade teórica e, assim, seguindo o raciocínio acima, também ideológica, acreditamos partilhar dos interesses por uma semiótica que assume seu compromisso com o mundo — o que, no nosso caso, se traduziria em buscar compreender o que faz com que os sentidos sejam lidos numa dada

---

1 Acentue-se, a esse respeito, o que problematiza Fontanille ao expor que é próprio da fronteira a noção de deslocamento e negociação. Cf. Jacques Fontanille, “Territoire : du lieu à la forme de vie”, *Actes Sémiotiques*, 117, 2014.

2 Cf. “O olhar comprometido”, *Galáxia*, 2, 2001 (“Le regard impliqué”, *Revista Lusitana*, 17, 1998) ; *id.*, “¿Habría que rehacer la semiótica ?”, *Contratexto*, 20, 2012.

direção, num dado momento, e, mais especificamente, na medida em que isso possa interessar a uma *pedagogia da leitura*<sup>3</sup>.

Para ilustrar essa orientação, trazemos aqui a análise de uma situação de interação entre sujeitos num fórum de Internet, na rede social *Facebook*, constituído por comentários em torno de um *post* que discorria sobre as manifestações a favor do *impeachment*/golpe da então presidenta brasileira, Dilma Rousseff, num domingo de março de 2016<sup>4</sup>. Interessa-nos particularmente para observar o que determina que vejamos o mundo sob diferentes perspectivas, isto é, que os sentidos sejam constituídos diferentemente apesar do efeito de evidência (o mesmo real para todos) que se pretendeu produzir pelo recurso a fotografias que registravam a ordem dos acontecimentos. Há duas questões aqui então que se conjugam : i) O que essas interações/interdições nos ensinam enquanto pesquisadores que se ocupam do sentido ? ii) O que essas interações/interdições nos ensinam enquanto sujeitos que precisam dar sentido para as transformações sociais ou políticas em curso, sejam as que culminariam no Michel Temer ou no Donald Trump<sup>5</sup> ?

Compartilhando da perspectiva de uma semiótica de “olhar comprometido”, já deixamos evidente que não guardamos a devida distância preconizada por um fazer positivista. A esse respeito, ressaltamos que participávamos do referido fórum, compartilhando nossas perspectivas em relação às manifestações políticas pró e contra *impeachment*. Como não é possível não dar sentido ao vivido, ainda que submetidos a uma multiplicidade de eventos que certamente poderiam ser catalogados sob a designação de *forma de vida do absurdo* — excesso de significante articulado a uma indignação de significado<sup>6</sup> —, principiamos desde aquele momento (no *aqui-agora* da enunciação partilhada) a tentar compreender como pesquisadora da linguagem o que concorria para que se reiterassem nos fóruns de natureza política a luta pelos sentidos sobre o *acontecimento*.

## **2. As armadilhas do Facebook**

O *Facebook*, como se sabe, é a rede social mais utilizada no mundo. Dando-se como missão tornar esse mundo mais interligado e conectado, ilustra o funcionamento semiótico do *espaço rede* teoricamente descrito por Landowski<sup>7</sup>. Selecionamos alguns aspectos que mais de perto nos interessam para tratar das dinâmicas interacionais.

Em sua “Política de Dados”<sup>8</sup> — com a qual o sujeito deve concordar para integrar a rede —, o portal esclarece a respeito da coleta de informações que são transmitidas pelos usuários, a partir dos conteúdos que cria ou compartilha, as mensagens que envia, sua localização, os tipos de conteúdo

---

3 Jose Luiz Fiorin, “Linguística e pedagogia da leitura”, *Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, 14, pp. 107-117, 2004.

4 Salientamos o dia da semana porque nos domingos se concentravam as manifestações pró-*impeachment*, isto é, ir para as ruas não implicava para um determinado segmento social comprometer a produção e o trabalho. As manifestações a favor de Dilma não privilegiavam dias específicos da semana. Como pretendemos mostrar neste artigo, os internautas acompanhavam tais manifestações, produzindo postagens e comentários sobre elas em redes sociais, o que era um outro modo de também se manifestar, num outro espaço, mediante outra estratégia. Pode-se ainda considerar que o sujeito podia estar simultaneamente em ambos os lugares (nas ruas e nas redes sociais), porque era indispensável abastecer a rede de fotos e vídeos com imagens do movimento, como forma de combate que implica vencer principalmente no plano do discurso.

5 Há, evidentemente, mais nomes a citar se considerarmos a guinada conservadora e neoliberal que se espalha pelo mundo.

6 Cf. J. Fontanille, *Sémiotique et littérature : essais de méthode*, Paris, PUF, 1999, p. 245.

7 Cf. “Regimes de espaço”, *Galáxia*, 29, 2015.

8 [www.facebook.com/about/privacy](https://www.facebook.com/about/privacy), acessado em 18 nov. 2016.

visualizados, a frequência e a duração das atividades. Isso inclui ainda considerar a coleta de informações a respeito das conexões que são estabelecidas com outros sujeitos (que comentam, compartilham fotos e conteúdos) e grupos dos quais o usuário participa. O sujeito alimenta, portanto, um enorme banco de dados sobre si e suas conexões de “amizade”, submetendo-se a uma contínua exposição do que faz, do que quer, do que pensa<sup>9</sup>.

Todas essas conexões devidamente registradas no sistema determinam, por fim, o modo peculiar de atualizações do *feed* de notícias de cada usuário, no sentido de que não se têm acesso a todos os conteúdos publicizados na rede (há rotas previamente disponíveis) e a navegabilidade fica então condicionada às regularidades das conexões já estabelecidas, previstas pela edificação de um perfil particular. Há que se considerar ainda que os usuários abastecem a rede com textos advindos de portais, notícias de jornais *online*, fotos, vídeos, etc., ampliando exponencialmente o volume de dados, que por sua vez vai ser mais facilmente visualizado por aqueles com que se explicita uma maior cumplicidade (os que com maior regularidade manifestam-se em relação ao que é postado, indicando suas posições em relação ao que foi partilhado mediante o click em um dos *emojis* ou pelos comentários).

Essa estruturação se confirma pelas informações encontradas na página de “Suporte”, no item relativo ao *Feed de Notícias*. Lá, em linguagem simples (frases curtas, ordem direta), a rede se antecipa a uma dúvida do usuário na seção que recebe o título “Como o Feed de Notícias decide quais histórias mostrar”. Posicionando o “Feed” como sujeito da oração principal no título da seção, a rede esclarece ao internauta que há uma instância de “decisão” que escapa ao campo de controle do usuário, tendo em vista um algoritmo que organiza o modo de funcionamento da exposição das postagens e, por isso mesmo, o que poderá ou não ver ali atualizado :

As histórias que aparecem no Feed de Notícias são influenciadas por suas conexões e atividades no Facebook. Isso ajuda você a ver mais histórias que sejam do seu interesse, compartilhadas pelos amigos com quem você mais interage. O número de comentários e curtidas recebidos por uma publicação e o seu tipo (foto, vídeo, atualização de status) também podem torná-la mais propensa a aparecer no seu Feed de Notícias. Caso você ache que não está vendo histórias que gostaria de ver ou que está vendo aquelas que não gostaria de ver no seu Feed de notícias, é possível ajustar suas configurações. (<https://www.facebook.com/help/327131014036297/>)

A despeito dessa organização prévia, é possível “ajustar as configurações”, mas haverá então nova ordem, jamais a deriva. Cada atualização acaba por circunscrever um lugar no contínuo do grande fórum, produzindo efeito de fechamento diante dos interlocutores que para ali convergem.

Cada sujeito organiza dentro da rede dispersa (mas finita) a sua rede particular, a depender dos amigos que agrega ou exclui. No caso das exclusões, dependendo, por exemplo, das posições ideológicas assumidas pelas postagens, o usuário pode optar por “parar de seguir” um dado amigo (não ver mais o que ele posta) ou mesmo suprimi-lo de sua rede particular. Em momentos de tensão

---

<sup>9</sup> Cf. E. Landowski, “Pièges : de la prise de corps à la mise en ligne”, *Carte Semiotiche (Annali)*, 4, 2016.

política, como os que envolveram no Brasil tanto a eleição presidencial de 2014 quanto os movimentos contra e a favor do *impeachment* (2015 e 2016), esses mecanismos combinados favoreceram mais a homogeneidade dos grupos do ponto de vista ideológico do que a heterogeneidade e, nesse sentido, pôde-se verificar o funcionamento de uma espécie de afinilamento crescente : não se podiam ler mais, a não ser como crítica, o que os opositores partilhavam, o que tornava inócuas as tentativas de buscar adesão pela *manipulação*, visando a convencer o outro a mudar seu ponto de vista ou seu candidato, por exemplo. Falava-se, assim, aos mesmos, com semelhantes posicionamentos políticos, com raras intromissões que denunciavam a impossibilidade de interações que rompessem com o que se poderia compreender como *programação*<sup>10</sup>. Mediante tal processo, pode-se pensar em uma narrativa na qual a heterogeneidade vai convergindo para a homogeneidade, o dissenso para o consenso, enquanto que, simultaneamente, a polarização se intensifica e a multiplicidade dá lugar a posições sedimentadas e inegociáveis. Estratégia de luta política em um momento dado, tem efeitos precisos sobre modos de interação, verificados nas eleições e reproduzidos no período do *impeachment*<sup>11</sup>.

Com essa dinâmica do funcionamento, contínuas subdivisões operam para circunscrever o que o usuário vê e quem o vê na rede. A extensidade da rede se contrapõe à intensidade das trocas, o mesmo acontecendo em relação ao par *aceleração* (ver muito sem ler ou sem abrir os *links* para se apropriar melhor do que é sinalizado nos *posts*) e *desaceleração*<sup>12</sup> (indicada pelos comentários e a leitura pressuposta). Desse modo, o fato de ter algumas centenas de amigos do *Facebook* não significa necessariamente que com todos se possa efetivamente interagir na rede e, embora sob o simulacro da *mistura*, o que temos são processos crescentes de *triagem*.

Triagem e mistura correspondem a duas grandes operações da sintaxe extensiva, relativa ao “estado de coisas”<sup>13</sup>. A mistura corresponde aos processos de mestiçagem, de heterogeneidade, que compreende os “valores do universo” enquanto a triagem remete aos “valores do absoluto”, consistindo em seleções que correspondem a processos sucessivos de “pureza”, num projeto de redução da heterogeneidade. Levada a extremos, serve no plano das práticas aos discursos de ódio e intolerância, conforme assinalam os muitos trabalhos de Barros<sup>14</sup>.

### **3. Do dia em que a babá foi à passeata**

O fórum que selecionamos para análise é de 13 de março de 2016, quando ocorriam em centenas de cidades do país manifestações pró-*impeachment* (golpe) de Dilma Rousseff, acusada pelos opositores de “pedaladas fiscais”. Não está em questão aqui a discussão das razões de sua defesa ou acusação, mas a observação de um modo de funcionamento da interação e a produção de sentidos sobre os acontecimentos, considerando a possibilidade de negociações entre sujeitos com perspectivas distintas (*manipulação* ou *ajustamento*), ou a impossibilidade de qualquer mudança quanto à

---

10 *As interações arriscadas*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2014.

11 Cf. Luiza H.O. da Silva, “Fóruns digitais em tempos de eleição presidencial : em torno dos conceitos de formas de vida e regimes de interação”, IX Congresso da ABRALIN, Belém, 2015.

12 Sobre essas noções e, mais geralmente, a problemática semiótica do ritmo, cf. Luiz Tatit, *Musitando a Semiótica : Ensaíos*, São Paulo, AnnaBlume, 1997.

13 Cf. Claude Zilberberg, *Elementos de semiótica tensiva*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2011.

14 Cf. Diana L.P. de Barros, “Estudos discursivos da intolerância : o ator da enunciação excessivo”, *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), 58, 2016, pp. 7-24.

previsibilidade do dizer (um dever dizer X, configurando o regime da *programação*, mediante filiações do sujeito a uma formação discursiva Y num momento de acirramento das oposições políticas no país).

### 3.1. Uma postagem

O fórum tem início com a postagem abaixo (Fig. 1) precedida por um pequeno enunciado que evoca os enunciatários privilegiados para a leitura de seu *post* : “A@s amig@s [...] e tantos outros que olham o Brasil com mais crítica...”. Em decorrência da marcação dos nomes dos 17 sujeitos, aparece na respectiva página destes o *post* assinalado, o que contribui para ao menos estes 17 necessariamente vissem a postagem.



Fig. 1

*Print* da postagem inicial do fórum de 13 março de 2016 às 15h24, tendo como privacidade “Público”.

Autoria identificada pelo pseudônimo “Manoel”.

Embora sem restrições para o acesso ao *post* (privacidade não circunscrita aos amigos da rede particular), a enumeração atua como uma espécie de circunscrição, que se efetiva com o emprego da oração subordinada adjetiva restritiva logo a seguir “... e a tantos outros *que olham o Brasil com mais crítica*”. Os “outros”, portanto, são tantos, mas não todos. Considerando o que entende como uma obviedade, a não demandar o uso de palavras, conforme o enunciado que acompanha as duas imagens (a foto na parte superior e a charge na parte inferior), o enunciador conta com a adesão imediata dos enunciatários eleitos explícita ou implicitamente, prefigurando a existência de um grupo com perspectivas ideológicas afins e para os quais as imagens já diriam tudo, considerando o efeito de realidade produzido. Como é comum em textos nesse espaço, não conseguimos identificar a autoria do arranjo de fotografia, charge e frase e, assim também a autoria tanto da foto quanto da charge se

desfaz na multiplicação dos compartilhamentos. Ambas as imagens se reproduziram rapidamente em jornais e portais de Internet em função da forte repercussão gerada pela cena<sup>15</sup>.

A postagem inicial na página analisada contou com 7 compartilhamentos e 70 manifestações pelos *emojis* : de adesão (*curtir*), decepção (*triste*), indignação(*grr*), conforme as indicações na Fig. 1. Contou ainda com 22 comentários<sup>16</sup>, o que denota um relativo sucesso diante da aceleração que marca as reações mais comuns, haja vista que, na maioria das vezes, a reação do internauta se dá apenas mediante a seleção de um dos 6 *emojis* que são dispostos numa barra horizontal logo após as postagens. Nesse sentido, consideramos que comentar implica uma desaceleração e, assim, um interesse maior em enunciar os efeitos de sentido produzidos na interpretação. Seria uma espécie de “parada” provisória numa ilha com sujeitos afins (ou antagônicos), como introdução de uma descontinuidade no contínuo de textos que se multiplicam sem cessar no *feed*.

A charge utilizada nesse arranjo (fotografia, charge e frase) tinha sido amplamente partilhada poucos dias antes desse domingo, como uma crítica relativa às distinções de classe. Diferentemente do que ocorria durante os demais dias da semana, nas manifestações de domingo amplamente cobertas pela mídia televisiva, estariam mobilizados sujeitos das classes mais altas, sendo a presença dos mais pobres ali marcada tantas vezes por aqueles que se conformavam ao papel temático de figurantes (*adjuvantes*), como se via, por exemplo, nas fotos de trabalhadores que aproveitavam a aglomeração de pessoas para vender água, camisetas, bonés, bandeirolas etc.

Na charge (que doravante denominaremos como I1), uma mulher vai à frente, com seu cartaz que tem como enunciado a frase “Justiça para o Brasil”. A primeira é seguida pela babá negra e uniformizada, empurrando o carrinho de bebê. A mulher da frente encontra-se de short e camiseta verde, salto alto, cabelos soltos, enquanto a de trás se apresenta de roupas mais sóbrias que remetem a um uniforme, sapatos baixos, cabelos presos, configurando a oposição entre lazer e trabalho. A diferença de alturas na representação (a mulher do cartaz bem mais alta que a babá) e a oposição anterioridade *versus* posterioridade (a mulher do cartaz à frente ; a mulher babá atrás) remetem à oposição semântica relativa às divisões de classe (patroa *versus* empregada ; classe média/alta *versus* classe trabalhadora). Na escolha das cores amarela, azul, verde e branca, a bandeira nacional está aí representada, lembrando-se de que esta será amplamente utilizada pelos manifestantes pró-*impeachment* como um símbolo do nacionalismo, contrapondo-se à predominância do vermelho das manifestações de esquerda que defendiam a continuidade do governo Dilma e compreendiam o *impeachment* como um *golpe* de Estado. Nessa configuração, a frase do cartaz ecoa como enunciação irônica : para os mais ricos, a justiça equivaleria à manutenção das distinções e privilégios de classe.

---

15 A ponto de a babá da foto evidenciar em entrevista seu desconforto pela forte exposição alcançada pelas redes sociais, tendo sua fotografia “viralizado” durante e depois do protesto, chegando aos jornais (cf. <http://www.metropoles.com/brasil/politica-br/baba-clicada-em-foto-polemica-defende-manifestacoes-mas-e-contra-o-impeachment-da-presidente>, acessado em 14 nov. 2016. O mesmo se deu com relação ao empresário capturado pela fotografia, levando-o a redigir um texto como resposta (<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/03/familia-de-foto-com-a-baba-e-as-criancas-nas-manifestacoes-rebate-criticas.html>, acessado em 14 nov. 2016).

16 Não foram computadas as respostas aos comentários (quantitativo não indicado pelo *Facebook*), que serão, contudo, consideradas na análise, porque representam as interações mais significativas, com réplicas e tréplicas.

Quando um dado fotógrafo captura a cena agora atualizada por um casal na passeata e a joga na rede social, a foto (doravante denominada I2) é viralizada pelos usuários de esquerda, o que torna possível enunciar a frase que lemos em Fig. 1 : “Não são necessárias palavras !”.

Em I2, um dos muitos ângulos que registram a cena, temos a reprodução de I1 com variações, como o acréscimo da figura masculina. O casal colocado à frente se veste de maneira similar, com camisetas listradas de verde e amarelo (na evocação do nacionalismo, a que já aludimos) ; a segunda mulher que empurra o carrinho se mantém atrás, agora vestida totalmente de branco como uniforme de trabalho. O casal é surpreendido num momento de parada, quando parece se ocupar dos dois bebês do carrinho (em I1, havia um bebê), ambos vestidos de camiseta amarela. De novo a distinção de cores, de posições e ocupações faz revelar a diferença entre quem opta por bradar sua posição política num dia de domingo (*querer*) e quem está lá presente por força do trabalho (*dever*).

No contexto dos embates políticos entre grupos mais à direita ou mais à esquerda que ganharam as ruas do país e as redes sociais, a presença do casal acompanhado dos filhos atualiza o discurso da defesa da família (na perspectiva tradicional, heteronormativa etc.), que estaria sendo ameaçada pelo governo petista ao incorporar pautas advindas dos movimentos sociais e grupos minoritários. Assim, pais e filhos do modelo de família *ideal* marchavam juntos, postando foto ao lado de simpáticos policiais, enquanto as manifestações de esquerda não contavam com a mesma simpatia por parte do aparato policial (ou das redes de TV e imprensa)<sup>17</sup>.

### 3.2. Um fórum

Os sete primeiros comentários, que aderem e confirmam a postagem, ocorrem logo após a publicação. São eles : cinco frases ; um *link* referente à página *Jornalista livres* que trata sobre racismo nas manifestações ; uma fotografia do mesmo casal da postagem, então em ângulo diferente<sup>18</sup>. As frases foram :

- (1) “é de doer !”
- (2) “Devem fazer parte do clube que proíbem babás sem uniforme”
- (3) “Ai, ai...”
- (4) “Mudar para continuar do mesmo modo, na mesma toada...”
- (5) “como já comentarem em outro post, a babá ainda é obrigada a ir engrossar uma ‘luta’ que não é dela e que, se pudesse escolher, lá não estaria certamente... trágica e emblemática mesmo a crítica ‘desenhada’ na medida certa”.

Esses primeiros comentários de adesão evidenciam a filiação a uma mesma perspectiva ideológica e relações contratuais entre os parceiros de interação. São todos ali docentes de ensino superior, que atuam em diferentes universidades situadas em diferentes localidades (inclusive no exterior) e com elos de amizade que se consolida pela partilha de posicionamentos políticos.

---

<sup>17</sup> Salientamos a aproximação com *Marcha da família com Deus em favor da liberdade*, que antecedeu o golpe militar de 1964.

<sup>18</sup> Nessa nova foto, a câmera registra os personagens por trás, registrando seus movimentos em fila indiana : na frente encontra-se o homem, seguido pela mulher acompanhada por um cachorro preso a uma coleira e, no final, a mulher que empurra o carrinho com os bebês.

Comungam de ideias afins que garantem o pertencimento a um mesmo grupo no ciberespaço, não definido por restrições explícitas (não circunscritos a um grupo fechado, uma das possibilidades da rede). O interesse pelo fórum ali constituído, contudo, se dá justamente pela quebra dessa homogeneidade, pela intromissão de uma perspectiva dissidente e antagônica. Os primeiros enunciados vão desde o emprego de frases simples, de sanção negativa (1) e (3) a esboços de análise do momento: “continuar do mesmo modo” (4); “proíbem babás sem uniforme” (2); “a babá ainda é obrigada a ir engrossar uma ‘luta’ que não é dela” (5).

A indicação do *link* de *Jornalistas Livres* segue com uma nova foto, na qual dois homens se situam lado a lado, risonhos, fazendo pose frente à câmera. À esquerda, o sujeito é negro (a pele tingida) e vestido com uma roupa plástica que simula um saco de lixo escuro amarrado à cintura. Segura com a mão direita um tábua de madeira em posição vertical, na qual se lê grafado em letras pretas e em caixa alta o enunciado incompleto “INCONFIDENTE BRASIL”. Este homem tem ainda uma grossa corda no pescoço, como numa referência a Tiradentes, codinome de um dos líderes da Inconfidência Mineira e que morreu enforcado em 1792. O homem a seu lado, de camiseta amarela da CBF e calça de ginástica azul marinho, segura com as mãos sobre a cabeça a bandeira do Brasil e também a corda que circula o pescoço do “enforcado”. Sob a imagem recolhida da mesma passeata em São Paulo, encontra-se o *post* que lê a cena como exemplo de manifestação racista, referindo-se aos “coxinhas” (qualificação pejorativa atribuída aos defensores do golpe) como semelhantes aos racistas norte-americanos da *Ku Klux Klan*. O tom de denúncia se acentua pelo emprego da repetição das palavras *urgente* e *racismo*, em caixa alta.

Até esse momento temos, portanto, a confluência de manifestações convergentes, acentuando-se o tema do racismo figuratizado nas cenas com a babá e o falso mendigo. Se no primeiro caso o racismo pode ser compreendido como não verbalizado (mas mostrado por um espectador que se intromete para fazer o registro, sendo a foto um enunciado de sanção negativa), no segundo caso os sujeitos assumem explicitamente um discurso que implica tanto a rejeição aos pobres quanto aos negros, condenando-os simbolicamente à morte ou ao menos é esse o sentido evocado pela chamada dos *Jornalistas Livres*, que orienta a apreensão da imagem.

A homogeneidade quanto aos sentidos lidos para o *post* inicial é contudo interrompida por uma manifestação divergente (6), apresentada por uma jovem que denominaremos arbitrariamente como Kátia, que dá origem a uma intensa discussão registrada em 34 comentários em resposta. Nesses comentários todos que se seguem, encontram-se postagens de 10 usuários que argumentam contrariamente a Kátia, tomando-a como interlocutora privilegiada. Apesar dessa concentração de forças (10 x 1), esta se mantém inabalável em suas convicções até que o diálogo se esgota.

(6) “Quanto sensacionalismo, ser babá agora é errado? É feio? E se ela estava lá não foi obrigada e está ganhando para isso. Num país onde tudo está absurdo de caro e o índice de desemprego está altíssimo temos mais é que dar um jeito de aumentar a renda”.

Já nesse primeiro *post* evidencia-se um outro ângulo para a leitura de I1 e I2. Se até então a discussão se orientava para as distinções de classe social, poder e cor, denunciando privilégios que se perpetuam no país, um primeiro deslocamento se dá por pressupor que os demais enunciadores

estariam desqualificando a ocupação profissional de babá, configurando uma leitura enviesada dos comentários.

Kátia credita aos demais a perspectiva de “sensacionalismo” (ou “mimimi”<sup>19</sup>, como dirá adiante) e traz à tona o discurso da crise econômica que subsidiaria as manifestações anti-Dilma para confirmar sua adesão às manifestações: “tudo está absurdo de caro e o índice de desemprego está altíssimo”. Para ela, não há problema na cena registrada durante a passeata na medida em que a jovem da foto “está ganhando para isso”, há, ao contrário, um valor negativo: “não foi obrigada”; “está ganhando para isso”; “aumentar a renda”. Kátia recusa os sentidos atribuídos pelos comentários anteriores e lança mão de hipóteses que acenariam para outras possibilidades de compreensão, mas que não podem ser identificados como expressos ou pressupostos nem em I1, nem em I2: “E se...”, artifício que recupera logo em seguida (7) com seus “talvez”, “quem sabe”, “imagina”:

(7) “Talvez prq ela preferiu trabalhar? E quem sabe ela também não seja a favor das manifestações? E quem sabe ela realmente quisesse estar ali mesmo trabalhando? Imagina manifestante e trabalhando que bom hein... [...]”

Além de negar os sentidos lidos até então para a foto, acenará para a possibilidade de que se trate de uma falsa prova, pois se trataria de uma ilusão produzida intencionalmente (8):

(8) “Será que vc não percebe que é isso é montagem? Até uma criança saberia disso. Não entende pergunte a um especialista da área”.

Como se pode ler em (8), além de desqualificar a veracidade da fotografia denunciando-a como “montagem”<sup>20</sup>, Kátia também desqualifica o interlocutor, que seria menos competente que uma criança para perceber o engodo. Atribuindo a si autoridade, emprega o verbo no imperativo — “pergunte” — impondo ao enunciatário um *dever fazer*. Atinge, desse modo, expressamente a face do interlocutor e multiplica as razões que a motivam a defender a manifestação de 13 de março. A ela retrucam os demais com argumentos que remetem a sua incapacidade de compreensão quanto ao que estaria, em sua perspectiva, efetivamente em questão. Reiteram que não desqualificam a trabalhadora (9) e, como estratégia persuasiva, trazem mais 4 registros fotográficos, distribuídos pela sequência do diálogo, além de uma montagem (Fig. 1).

(9) “A questão não está em ser babá, Kátia. A questão, se me permite, está em outra ordem, se não compreende, que pena!”

(10) “Entenda por outra imagem.”

---

19 O termo é constantemente usado para desqualificar discursos com pautas sociais (como os do feminismo, dos direitos das minorias etc.).

20 No *Facebook* é comum o uso de montagens (como em colagens de imagens com recontextualizações e na atribuição de falas a sujeitos por balões com efeito de humor ou crítica, como na Fig. 1) além de abrigar pelas postagens *links* de *sites* especializados em notícias falsas ou pouco confiáveis. Há que se destacar, contudo, que mesmo a mídia tradicional não está isenta de explícita posição partidária e publicações de caráter duvidoso e que as relações entre textos e imagens podem também ser compreendidas como montagens (diagramação, edição). Observe-se por exemplo que, pelas escolhas enunciativas, muito frequentemente notícias se confundem com editoriais.

Essa “outra imagem” é uma postagem em que há um homem de costas, trazendo na camisa amarela a inscrição “A Dilma não foi eleita por pessoas que leem jornais, mas pelas quais se limpam com ele. Fora Dilma”. Nesse caso, a agressiva frase atribui a qualificação de ignorantes aos eleitores de Dilma, não leitores de jornais, desinformados, com hábitos culturais distintos. O tom passional da enunciação serve para caracterizar as distinções entre os grupos que se filiavam a interpretações antagônicas, chegando a níveis inadmissíveis de intolerância e confronto : segregação como discurso ; segregação como prática efetiva.

O mesmo usuário apresenta outra imagem, em primeiro plano, acha-se um homem negro, sem camisa, sentado numa calçada, registrado também de costas, tendo a sua frente uma multidão de manifestantes que circulam com roupas em verde e amarelo e bandeiras. Nessa segunda imagem, mais em evidência, estaria recolocada a questão racial e social e a distinção entre quem está dentro das manifestações, na condição de protagonistas (brancos, mais ricos) e os que estão fora, como plateia ou como trabalhador em serviço (negros, mais pobres).

Na Fig. 2, a imagem é uma reprodução de uma tela do pintor francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), com as inscrições “E no dia 13” e, como discurso direto atribuído por um balão a um dos atores da cena, “Quero meu país de volta”. Essa releitura de Debret não tem autoria identificada e pode ter sido produzida para problematizar o 13 de maio, data em que se comemora no país a abolição da escravidura e reatualizada no contexto da manifestação de 13 de março. Nessa direção, a gravura remete à continuidade da exploração e dos privilégios de classe que fazem com que o fim da escravidão seja lido como engodo. Dentro do contexto das manifestações de março, acentua a crítica aos que queriam destituir a presidente, porque teria diminuído privilégios das elites e aumentado o poder das minorias. Assim, o homem do centro da imagem figurativizaria a posição dos que criticam as políticas sociais de Rousseff e seu antecessor, Lula : o poder precisa voltar para os senhores da casa grande e proprietários das contemporâneas senzalas.



Fig. 2

Montagem com tela de Debret compartilhada no *Facebook*.

Depois de dezenas de *posts* de discussão, uma nova usuária retoma com uma pergunta o posicionamento de Kátia, evidenciando que desconsidera tudo o que foi ali escrito, como que espantada diante das críticas atribuídas à cena em I1/I2 :

(11) Qual o problema em TER ou SER babá ? Um ou outro é crime ?

Essa retomada de ponto inicial acentua a impossibilidade de mudança de perspectiva de sujeitos que interpretam os acontecimentos assim como as leituras dos textos que tematizam os acontecimentos. Não há como produzir um consenso que atenda a uns e outros, uma vez que há na verdade dois consensos em disputa, que podemos simplificar chamando-os *de esquerda* e *de direita*. Num momento de forte tensão política acentuada desde as eleições de 2014, apagam-se as tensões internas a esses dois grupos, a heterogeneidade e sentidos em disputa que os constituem para que seja possível a resistência conjunta, cada qual de seu lado no embate das ruas ou naquele que se reproduz nas vielas do digital.

Por força da figuratividade e do efeito de realidade das produções icônicas, temos a presença de fotos e charges que apelam para o “real”, como suprema estratégia de persuasão, mas o real não é jamais o mesmo, como se não partilhássemos do mesmo ângulo de visão, ou da mesma luz :

(...) é provável que o espaço social “real”, enquanto espaço de interação no seio do qual os sujeitos se percebem, se conhecem e se reconhecem uns aos outros, não tenha a *transparência* que lhe atribuímos implicitamente. Não apenas porque os mesmos objetos ou as mesmas configurações mudam o aspecto em função do ponto de vista a partir do qual os observamos. É também, mais radicalmente, porque o “poder ver” não é jamais dividido uniformemente entre os participantes : como se a própria luz (sem o qual ninguém poderia identificar a posição de outrem, nem dar uma imagem determinada de si mesmo) não fosse em nenhum caso a mesma para todos.<sup>21</sup>

A semiótica vai evidenciando a impossibilidade de se pensar um leitor universal e a produção de um sentido unívoco seja para os textos, seja para o real que se mostra/se esconde para os sujeitos inseridos na luta pelos sentidos do mundo. Como nos disse também via *Facebook* uma amiga pesquisadora recentemente, ficamos com a impressão de que habitamos universos paralelos, na medida em que as imagens (compreendidas como efeitos) que produzimos sobre o mundo revelam compreensões inegociáveis. Talvez também a luz não seja democraticamente repartida para todos em igual intensidade ou sejam nossas experiências — com o mundo e outros sujeitos — que fazem significar diferentemente o que a mesma luz potencialmente revela.

#### **4. Compreender, resistir**

Como teóricos, pensamos na necessidade de dizer o acontecimento, vencendo a dimensão do espanto, talvez buscando o que de algum modo a arte parece dar mais conta do que a teoria. Por isso mesmo, retomamos versos de Geraldo Vandré que sinalizam a possibilidade de resistir no sentido e na luta política : “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. Ocupar as ruas e compreender, entre outros, o espaço digital são, enfim, duas formas de existir e resistir. Por isso também escrevemos este texto. Do ponto de vista da análise dos dados, há certamente ainda muito que poderia ser explorado,

---

21 E. Landowski, *Presenças do outro*, São Paulo, Perspectiva, 2002, p. 46.

mas acreditamos que trouxemos aqui elementos para os problemas centrais que nos dispomos a retomar e que traduzem ao menos um modo como tentamos fazer uma semiótica implicada.

No oceano de textos, o fórum — exemplar enquanto organização discursiva — pode ser pensado como uma ilha provisória abrigando interlocutores vencedores temporários de alguns processos de triagem que os circunscrevem a certos limites como os predefinidos por suas afinidades ideológicas. Como num texto conversacional constituído por vozes que se aliam e se confrontam, o fórum se edifica como espaço plural, mas nem tanto, espaço democrático, mas nem tanto e, a despeito das estratégias de busca de manipulação, esgota-se pela indisponibilidade para qualquer negociação e jamais ajustamento.

Do ponto de vista de uma semiótica aplicada a problemas de ensino de leitura, importa compreender que coerções impõem limites para o que ler nos textos, mas também no mundo. Sua análise poderia contribuir para compreender como se organiza um corte que separa o país ao meio, prenunciando nesse contexto de disputas pelos sentidos um golpe de Estado.

### Referências bibliográficas

- Barros, Diana L.P. de, “Estudos discursivos da intolerância : o ator da enunciação excessivo”, *Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)*, 58, 2016.
- Fiorin, Jose Luiz, “Linguística e pedagogia da leitura”, *Scripta*, Belo Horizonte, 7, 14, 2004.
- Fontanille, Jacques, “Territoire : du lieu à la forme de vie”, *Actes Sémiotiques*, 117, 2014.  
— *Sémiotique et littérature : essais de méthode*, Paris, PUF, 1999.
- Landowski, Eric, “Le regard impliqué”, *Revista Lusitana*, 17, 1998 ; tr. port., “O olhar comprometido”, *Galáxia*, 2, 2001.  
— *Presenças do outro*, São Paulo, Perspectiva, 2002.  
— “¿Habría que rehacer la semiótica ?”, *Contratexto*, 20, 2012.  
— *As interações arriscadas*, São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2014.  
— “Regimes de espaço”, *Galáxia*, 29, 2015.  
— “Pièges : de la prise de corps à la mise en ligne”, *Carte Semiotiche (Annali)*, 4, 2016.
- Silva, Luiza H.O. da, “Fóruns digitais em tempos de eleição presidencial : em torno dos conceitos de formas de vida e regimes de interação”, IX Congresso da ABRALIN, Belém, 2015.
- Tatit, Luiz, *Musicando a Semiótica : Ensaaios*, São Paulo, AnnaBlume, 1997.
- Zilberberg, Claude, *Elementos de semiótica tensiva*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2011.

Pour citer cet article : Luiza Helena Oliveira da Silva. «Manifestos políticos nas ruas e no Facebook», *Actes Sémiotiques [En ligne]*. 2017, n° 120. Disponible sur :

<<http://epublications.unilim.fr/revues/as/5816#dialogue12>> Document créé le 24/02/2017

ISSN : 2270-4957